Uma leitura entre gerações e interculturalidades em "O pequeno traidor"

Francisco Leandro de Assis Neto (MLI – UEPB)
Leandroassis.uepb@gmail.com

Resumo

O trabalho a que me proponho pretende analisar as relações e diálogos entre gerações situados no filme "O pequeno traidor" (2007), bem como a relação intercultural entre um menino de 12 anos e um soldado inglês na região de Israel, antes da formação do estado israelense 1947. Este trabalho pretende apontar através de uma leitura psicanalítica, como se dá a amizade entre gerações distintas bem como culturas também distintas, em um cenário atípico e hostil, para ambas as personagens.

Palavras-Chaves: Palavras-Chaves: Relações, discurso, leitura psicanalítica

Abstract

The work that I propose intends to analyze the relationships and dialogues between generations in the movie The little traitor (2007) and the intercultural relationship between a boy of 12 years old and a British soldier in the region of Israel before the formation of the Israeli state, in 1947. This work intends to point through a psychoanalytic reading how is the friendship between different generations and different cultures as well, in an unusual scenario and hostile for both characters.

Keywords: Keywords: relationship, speech, Psychoanalytic reading

Introdução

O obra "O pequeno traidor" realizado em 2007 por Lynn Roth e baseado na obra "A pantera no porão" de Amos Oz, o filme traz um cenário de pós-guerra em que há uma grande afluência de judeus à "terra prometida". Em meio a um cenário um tanto quanto caótico na Palestina de 1947, ocupada pelos britânicos que tentavam frear a imigração sionista, onde era instituído, inclusive, um toque de recolher às 18:00 horas, o qual desencadeará a trama da personagem principal: "o pequeno traidor".

Proffy Leibowitz (Ido Port) era uma típica criança judia da nova Palestina, que se configurava meses antes da criação do estado de Israel. Seu desejo de ver os ingleses, que representavam a opressão, fora de sua terra, era um desejo compartilhados por todos, até mesmo pelas crianças. A família de Proffy também poderia se caracterizar como uma típica família judia da época; uma família na qual existia o amor, mas toda a seriedade que o período pelo qual passavam exigia e a

dureza dos momentos que viveram anteriormente na segunda guerra, enrijeceram esse sentimento nos fazendo, em alguns momentos, deixá-lo de perceber.

Durante toda a trama alguns dos mais esclarecedores diálogos, ou não diálogos, acontecem durante as refeições, na família do menino. Essas conversas, ou negativas delas, nos mostram como a criança era e ainda é tratada pelos adultos, quando se diz respeitos à "assuntos sérios demais" ou até mesmo sobre questões cotidianas. Talvez a atmosfera pesada demais do momento fizesse enrijecer um poucos seus pais, principalmente o pai. Vejamos o exemplo:

> Proffy: "Por que todos odeiam tanto os judeus?
>
> Mãe: "Por que sabemos muito"
>
> Proffy: "Então talvez não devêssemos saber tanto"

Aqui observamos uma contradição no discurso, que irá apresentar-se com mais força no exemplo posterior, mas vejamos: O ódio seria provocado pela sabedoria e conhecimento que os judeus detinham, uma vez que são uma cultura milenar, uma cultura religiosa fundante de todo um modelo religioso-político ocidental, no entanto para a criança, "saber" além de também representar sapiência também representaria ser bem informado do que acontecia. Ele não era bem informado nem do que ocorria em sua própria casa:

> Proffy: "Quem vem à nossa casa no meio da noite Aba (pai)"
>
> Pai: "Ninguém"
>
> Proffy: "Ninguém? Eu ouço coisas, pessoas conversando e móveis arrastando..."

Observando a relação entre crianças e pessoas idosas percebe-se que muitas vezes, tais laços se estabelecem ora por afinidades, ora por contrastes. De acordo com OLIVEIRA (1999).

As crianças vão, pouco a pouco, ainda que nem sequer o saibam, forçando os velhos a se transformar. Ora são levados a revirar o fundo da alma, avivando práticas esquecidas, memórias apagadas, conhecimentos relegados para trás...ora são reconduzidos por mãos infantis a conhecer novos brinquedos, outros hábitos, maneiras diferentes, programas nunca vistos. Mas como havíamos citado anteriormente, a criança é posta de lado em "certos" assuntos e práticas de sua família, a exclusão aqui é sentida pelo menino fazendo-o acreditar ainda mais no que a mãe havia dito: que o ódio era provocado pelo "saber" dos judeus. De fato, isso para Proffy tornou-se verdade, uma vez que ele sentia muita raiva quando aconteciam as tais "reuniões" secretas em seu próprio lar e era obrigado a ficar trancado no quarto. Ou seja a tentativa dos pais de poupar o filho foi recebida por ele como uma espécie de castigo, de exclusão, de descaso dos pais quanto a consciência que a criança tinha de sujeito, de cidadão que também era ativista. O silêncio dos pais, especialmente do pai foi algo que propiciou e desencadeou os acontecimentos e a amizade que viria acontecer, observamos isto em uma cena bastante tocante, quando

o filho chega até a biblioteca da casa, fica em pé parado a porta e vendo o pai escrevendo diz somente: "Oi", querendo conversar, afinal é comum a maioria das crianças essa necessidade de conversar que ser ouvida. Contudo a única resposta que obtém do pai é: "Agora estou trabalhando, não me atrapalhe!" este tipo de atitude distancia Proffy de seu pai, fazendo-o quase um estranho, assim na sua casa, os únicos que realmente ouviam suas palavras eram seus soldadinhos de chumbo, seus exércitos inglês e judeu, ele passava maior parte do tempo, em que estava em casa, sendo general de batalhas, nas quais o exercito britânico era sempre aniquilado.

Meninos-soldados

Para ALBÓ (2005) "O processo cultural no qual se insere os indivíduos são decisivos para a formação de suas identidades." A cultura particular de um determinado grupo é a base e um dos instrumentos mais potentes para a criação e o posterior desenvolvimento das diversas identidades grupais. Uma pessoa sente-se membro de um determinado grupo por compartilhar muita coisa com os demais membros do grupo, e também pelo que os distingue de outros grupos. Ao mesmo tempo que vai se consolidando, o grupo procura novos elementos culturais que reforçam essa identidade específica.

Um aspecto bastante curioso abordado no filme é a interculturalidade que ocorria na época em Israel, o mercado era um cenário bastante curioso que ilustra bem isso, judeus, árabes e turcos convivendo em harmonia, negociando e conversando em todos os lugares. O ambiente cosmopolita era bastante curioso, o único inimigo ali, com efeito, eram os britânicos. Era por este cenário que o garoto atravessava para encontrar seus colegas, dois meninos de sua mesma idade, juntos fundaram uma "organização" secreta intitulada L.O.M (Liberade Ou Morte), a partir dessas reuniões e do caráter paramilitar dos discursos dos meninos podemos perceber como o meio e a situação política da época influenciou o comportamento das crianças, vejamos como eles se apresentavam no "quartel-general":

> Ben Hur: "Bem Hur Tykcinski, fundador do L.O.M, segundo no comando."
>
> Proffy: "Avi Proffy Leibowitz, comandante-chefe, chefe do departamento de investigação e operações do L.O.M."
>
> Chita: "Chita Reznick, soldado, às suas ordens."

Apresentação característica de bases militares, nos momentos em que estão no esconderijo um fenômeno bastante recorrente na obra ocorre: a transferência de discursos. Os meninos assumem um discurso militar enquanto que na verdadeira base militar britânica todas as formalidades são deixadas de lado, o ambiente é bem mais descontraído do que na cede da L.O.M. Os meninos entre outras conversas elaboram estratégias e ações para a "derrubada" do exército britânico, a primeira delas foi a pichação de um muro com as palavras: "Britânicos voltem para casa", a qual foi encarada com muita seriedade pelos inimigos. A segunda seria um pouco mais séria, um atentado à bomba. Uma bomba caseira de pregos, esta segunda seria muito mais bem elaborada por todos e motivo do desfecho do traidor.

O discurso dos meninos apesar de, na maioria do tempo, ser militarista, também era filosófico:

> Bem Hur: "Como vai sua mãe e seus dois maridos?"
>
> Chita: "Estão bem, quando o primeiro marido vai viajar, o outro vai para minha casa."
>
> Bem Hur: "Ela é mesmo casada com os dois?"
>
> Chita: "Eu sei lá... cada um deles se comporta como meu pai, mesmo não sendo, no entanto, estão tão ocupados no quarto com ela que não tem tempo de brigar comigo"
>
> Chita: "Acho que minha mãe é a única em toda Jerusalém que nunca visita a cozinha..."
>
> Ben Hur: "Por isso és fino como um palito"

Nesses diálogos podemos perceber que a negligência por parte dos pais não era isoladamente um problema na vida de Proffy, mas era compartilhado pelos seus colegas, em meio a tudo isso a companhia e as estratégias de guerrilha não eram consideradas meras brincadeiras, mas uma meta sólida e séria em suas vidas, a irmandade do L.O.M se configurava como a ordem, a constância e atenção que não obtinham em casa, mesmo sendo apenas meninos, lá eram grandes homens que escutavam uns aos outros.

O cárcere

O toque de recolher sempre foi um problema para Proffy, quando não se atrasava, retornava para casa faltando poucos minutos, arriscando-se ser preso, naquela situação até mesmo as crianças eram detidas. Em um desses atrasos ele conhece o sargento Stephen Dunlop (Alfredo Molina), que o surpreende na rua e começam uma interessante interação:

> Sargento: "Eu deveria te prender!"
>
> Proffy: "Eu não tenho medo de sua prisão!"
>
> Sargento: "Que tal a forca e a guilhotina?"
>
> Proffy: "Não sei o quê é isso, mas também não tenho medo"

Nesta cena é observado que quem na verdade estava falando sério era o garoto, o sargento tentava implicitamente brincar com o menino e também com a seriedade da situação. O sargento resolve não prender o menino, mas sim levá-lo para casa, o que despertou um medo bastante real no "prisioneiro". Um aspecto intercultural que vai mudar toda a relação entre os dois é a citação que Dunlop faz do livro do profeta Samuel : "Um menino é apenas um menino" . Isso causa espanto em Proffy e ele pergunta se é o mesmo livro de Samuel que eles tinham, o sargento sabiamente responde que o livro pertencia a todos! A partir desta citação o seu algoz é encarado de maneira mais amigável, ou branda pelo menos, a criança não consegue

mais enxergar no sargento a figura tão opressiva e terrível que vira antes. Segundo Touraine (2007):

> "A realidade do sujeito atravessa todos os cenários da história. O sujeito não está mais presente em nossa civilização do que em outras, mas como na modernidade ele não está mais encaixado na construção de um mundo sagrado, é em nossa sociedade que ele se confronta mais diretamente consigo mesmo. Libertado e frágil, ele pode finalmente, após a dissolução das projeções longínquas de si mesmo, aparecer exatamente como ele é em si mesmo."

Na verdade ele fazia uma leitura de toda a instituição militar britânica, o sargento não era a representação daquilo que ele imaginava ser. Vários arquétipo são quebrados no caminho até a casa. Chegando lá:

> Proffy: " Por que você não me leva para a prisão?"
>
> Sargento: "O castigo que te espera ai é pior, não?"

Nesse exato momento percebemos que o verdadeiro carcereiro disciplinador do menino não era o soldado, ele iria enfrentar quem realmente iria lhe infligir um castigo doloroso. O pai é para a criança a figura da lei, a autoridade que na verdade não é respeitada mas sim temida, e de fato por conhecer seu pai Proffy tinha razão de temer. Durante toda a obra observamos o pai como uma pessoa endurecida pela vida, pouco sensível e indelicado com o filho e com as questões importantes para o menino. Antes de entrar o soldado ainda faz um convite, diz que sempre está no Palácio Oriental todas as tardes e se ele quisesse conversar mais fosse até lá.

Em casa Proffy recebeu seu castigo, ficaria enclausurado no quarto por quatro dias inteiros, recebendo as refeições lá mesmo. Essa punição para ele foi a mais cruel já aplicada fosse no mundo civil ou militar. A mãe nesse contexto era o ponto de equilíbrio entre os dois, o que de fato ocorre na maioria das famílias, quando geralmente o pai aplica uma punição, a mãe é responsável por justificá-la:

> Proffy: "Quantos dias faltam?"
>
> Mãe: "Três"
>
> Proffy: "Mais três dias? Vou morrer nesse quarto. Como é o mundo lá fora? Como é ouvir os pássaros cantando? E ver as flores, árvores, colinas?"
>
> Mãe: "Nós te amamos"

A noção de tempo para a criança é exposta neste diálogo, o tempo cronológico é irrelevante para ela, o tempo psicológico predomina, para uma criança, ser que por natureza necessita de liberdade uma punição dessa espécie é fatal. Em primeiro momento a fala de Proffy poderia nos levar a pensar em drama ou chantagem tentando coagir a mãe a interceder por ele e abrandar a sua pena, mas com o decorrer dos dias e a alegria que o menino sente ao ser libertado nos faz pensar diferente. Na conversa que teve com o sargento ele também o ameaçou prender, no entanto aquele seria uma conseqüência militar, uma pena a pagar pelas suas

atividades militares, uma vez que ele retornava da sua "base", o castigo em casa não, aquele era sem sentido e também cruel, porque não era aplicado pelo inimigo, o que seria aceitável, mas sim pelo seu pai, um pai que deveria ser seu aliado.

A base inimiga

Antes de aceitar o convite do sargento Dunlop, Proffy, ainda respeitando os "tramites militares" e mantendo certa desconfiança a respeito do convite, comunica a seus companheiros de L.O.M que partirá em uma missão secreta, que pode render boas informações para o sucesso de suas operações. Chegando ao Palácio do Oriente ele se depara com um ambiente nada militar, jardins, bar, sinuca (um jogo estranho até então), mulheres, charutos, algo bem diferente do que ele havia pensado. Em seguida encontra o sargento, sentado em uma mesa estudando o livro de Samuel, após os cumprimentos devidos:

> Sargento: "Gosta de estudar hebraico:"
>
> Proffy: "Não muito"
>
> Sargento: "Estou tentando aprender, não faz muito sentido ficar tanto tempo sem aprender a língua local"

O sargento em seu primeiro encontro com o garoto consegue "desarmar" o menino, uma vez que não corresponde ao aspecto dominador ou até mesmo colonialista o qual o menino havia imaginado. Ele se comporta de forma gentil, procura apreender a cultura local, estudar a língua e costumes, postura totalmente contrária ao imperialismo inglês, que em todas as ocupações colonialistas tentou infligir sua língua, sistema financeiro, de consumo e seu modo de vida. Proffy seria uma boa oportunidade de ter contato com a cultura local e de fato conseguir um amigo. Começam a falar do livro de Samuel novamente, o sargento pergunta o significado de uma palavra em hebraico que não havia compreendido, o menino prontamente diz que significava "fraco", ao passo que o sargento disse que no contexto significava "pobre". A resposta de Proffy foi enfática: "Somos um povo um pouco pobres, mas nenhum pouco fracos!". Essa determinação do menino em sempre se auto-afirmar como forte impressionava Dunlop talvez por ele ser diferente das crianças criadas em seu país. Assim poderíamos refletir que:

> "Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, etnia, raça, nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados." (HALL, 1997)

Em sua segunda visita ao sargento a conversa flui de forma mais leve e descontraída, jogam sinuca, um jogo novo para Proffy e de nome quase impronunciável. Neste segundo encontro podemos notar respeito, sargento Dunlop não trata Proffy como uma criança, mas também não o trata como um adulto, há

então uma adequação do discurso, o que podemos notar que não havia em seu lar com a figura de seu pai. Os diálogos entre os dois sempre se apresentam como um veículo de amizade muito bem articulado, o soldado britânico tem curiosidade em saber em que o garoto era bom, como era o relacionamento dele com a família, assuntos cotidianos que geravam no menino o prazer de estar em companhia do soldado, que a esta altura não era mais considerado inimigo nem dele nem da causa. Um trecho interessante é quando o menino é questionado sobre a família, sobre a vinda da Polônia:

> Proffy: "Meu pai não fala disso, mas minha mãe me contou tudo"
>
> Proffy: "Às vezes acho que meu pai gosta de ficar triste para compensar a morte do irmão"

Nesse ponto poderíamos comparar os diálogos deslocados que existem na obra: quem de fato deveria falar; o pai se cala e quem não teria espaço para o diálogo com o menino; o soldado, o pratica. Mesmo assim o menino quando fala da tristeza do pai tenta justificar seu silêncio, tenta entender o porquê do pai não conversar com ele, assim o soldado inglês começa a assumir um papel fundamental na vida do menino.

Nas próximas visitas Proffy se sente cada vez mais a vontade com o sargento, brincam juntos, jogam xadrez, o menino o ajuda nas dúvidas do hebraico e cultivam uma relação saudável de amizade que antes era impensada. O menino também faz muito bem o sargento, nos parece que o momento deles é o único momento em que de fato o clima naquele lugar o que poderia justificar o pensamento de Singly:

> "O fato de os indivíduos contemporâneos serem 'individualizados' não significa que gostem de estar sozinhos, que o seu sonho seja a solidão. Quer dizer que esses indivíduos apreciam ter várias pertenças para não estar ligados por um laço único." (SINGLY, 2003)

Um acontecimento em especial enfureceu o garoto e pôs a lealdade e amizade do sargento em xeque, uma revista feita a casa de seus pais pela manhã. Soldados britânicos entraram em sua casa e revistaram tudo, procurando algo que ligasse a família a alguma ação terrorista real. No quarto do menino encontraram seus soldados de chumbo, inclusive o enforcado, um dos soldados, uma figura completamente oposta ao sargento Dunlop o perguntou se era àquilo que ele gostaria de fazer com eles, Proffy apenas olhou o soldado com olhos furiosos. Em seguida a visita feita ao sargento não foi tão amigável, posto que o garoto tomou a vista dos "amigos" de Dunlop como uma traição. Neste ponto também podemos observar o quão respeitosa e significativa é a relação que o adulto, no caso o soldado, tem para com a criança, ele se justifica dizendo que não sabia e que essa revista coletiva ocorreu porque dois dos soldados do império haviam sido assassinados na noite anterior. Este ato consolida a amizade entre os dois, mesmo profundamente magoado o menino soube entender as justificativas e as desculpas do amigo, uma vez que isso não existia no seu lá, a lei do lar era severa e inflexível.

O filme também aborda a questão da descoberta sexual, Proffy tinha a prática de espionar seus visinhos com um binóculo, em uma dessas práticas à noite ele viu

uma garota, mais velha, passando creme no corpo. No dia seguinte tudo eram "bundas", seios e pernas, ele passou a observar decotes, barras de vestido e saias, até mesmo sua mãe foi observada. Isso despertou no garoto sentimentos que nunca havia sentido antes. A conversa se deu com o seu amigo sargento, nesta tarde, Poffy pergunta se o amigo tem esposa ou namorada, prontamente e naturalmente o sargento responde que sim e a descreve a pedido do menino. Se dá então a primeira conversa sobre mulheres de um garoto, observemos que o discurso novamente é deslocado, esse tipo de conversa normalmente é tida entre pai e filho ou até mesmo entre amigos da mesma idade, neste caso não, o garoto encontrou no amigo mais velho, no "inimigo" de antes a confiança para relatar seus desejos, suas fantasias, ao mesmo tempo a postura do sargento é de naturalidade, novamente ele nivela seu discurso à situação:

> Proffy: "É como vistar um país em eu nunca estive"
>
> Sargento: "Então está interessado em viajar"

Nesta mesma tarde ocorre o fato que desencadeará um verdadeiro turbilhão na vida do pequeno Proffy, ele aceita uma carona do seu amigo no comboio militar do toque de recolher, mas lembra que nessa mesma tarde o plano do atentado com a bomba de pregos seria feito, então pede para desviarem o caminho, este ato e a falta na execução do plano lhe renderá grandes problemas.

A descoberta do "pequeno traidor"

No dia seguinte o garoto encontra seus companheiros de L.M.O, tenta se justificar pela falta, coloca a culpa na "garota do segundo andar" diz que não consegue pensar quando pensa nela. No entanto suas desculpas não são aceitas e os, até então, companheiros o segue até o encontro com o amigo inimigo.

Em seguida na volta para casa o garoto encontra o nome de traidor pichado na parede de sua casa e os meninos com as mães e acusações ferozes de traição. Neste momento os país do menino demonstram, mesmo que omissos em certos aspectos, que o amam e protegem o garoto. Daí em diante o menino é exposto a todos os constrangimentos de um traidor verdadeiramente militar, inclusive a um interrogatório, no qual ele é questionado sobre a relação que tem com o Sargento Dunlop. Sobre este tipo de pressão Delahie-Pouderoux diz que:

> "Uma criança que sempre é empurrada ao limite de suas forças pode revoltar-se contra exigências excessivas; mas, pelo menos, este forcing caminha no sentido do crescimento. É preciso acreditar que impedir-lhe o crescimento, através da pressão moral, afetiva ou psicológica, é o mais doloroso para ela." (Delahie-Pouderoux, 1996)

Apurado o julgamento o garoto não foi punido pela "corte marcial judia" mas a sua família iria ficar sobre vigilância durante um mês.

Esse episódio nos mostra o quanto a tensa situação na palestina de 1947 era, uma criança punida e proibida de manter amizade com aquele que era considerado o

inimigo. Proffy pagou um preço muito alto pela amizade verdadeira que teve com o britânico, além da vigilância sobre sua família ele foi constantemente achincalhado pelos colegas na escola, e a partir daí foi excluído por todos os seus antigos colegas.

O garoto quando recebeu sua sentença foi até o amigo britânico para contar-lhe o que havia acontecido, o sargento indignado e sem entender bem o porquê de tanto "alarde" se ofereceu para falar com a família do menino, explicar a situação, mas foi impedido pelo garoto. O papel do adulto se inverte ai, somente o menino tinha dimensão da seriedade da questão e falou para o amigo: "Não, não vá, isso pode te complicar com seu exército", numa demonstração de sobriedade e amizade para com o sargento. Depois disso os dois não mais se viram, o Sargento foi enviado de volta a sua terra natal. Após 30 anos em uma palestra, provavelmente em Londres, o professor e escritor Proffy Leibowitz, autografando seus livros, recebe um exemplar do livro de Samuel, dado por ele ao sargento, para ser autografado, Proffy levanta a cabeça, avista seu antigo amigo e se abraçam emocionados.

Conclusão

A Obra "O pequeno traidor" não se trata de um drama – Pós Segunda Guerra, mas sim de uma bela relação intercultural, o filme nos transporta para uma época bastante conturbada na história de um povo, nos faz também perceber como o diálogo entre gerações é estabelecido. As relações familiares e sociais, pudemos também observar os deslocamentos de discursos: adulto – criança; pai – amigo; tanto pelo contexto político-social, quanto pela carência afetiva que é estampada no filme. O cinema mais uma vez exerce um papel importante no que diz respeito a dignificar as relações humanas e nos mostrar a "realidade" com um toque de esperança e justiça.

Referências:

ALBÓ, Xavier. **Cultura, interculturalidade, inculturação.** Tradução de Yvonne Mantoanelli. Edições Loyola. São Paulo, 2005.

Delahie-Pouderoux, Patrícia. **A criança no mundo dos adultos**. Tradução: Denise

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade.** (trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro). Rio de Janeiro: DP&A. Ed. 1997.

O pequeno traidor. Israel fund for fims production. Direção e produção Lynn Roth. Israel 2007.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana**. Ed. Hucitec. FAPESP. São Paulo, 1999.

Radanovic Vieira. São Paulo: Augustos, 1996.

SINGLY, François. **Uns com os outros: quando o individualismo cria laços.** Instituto Piaget, Lisboa. 2003.

TOURAINE, Alain. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**; tradução de Gentil Avelino Titton. 3ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007